

Educação e emoções

Cosete Ramos

Anda solta por aí, entrando em casas, hospitais, igrejas e empresas, uma perigosa mulher chamada Emoção, sempre com uma lágrima a cair dos olhos e um sorriso a voar nos lábios. Essa multimilenar subversiva é capaz de fazer um avô servir de "upa upa cavalinho" para o neto, de conseguir que uma enfermeira toque carinhosamente na fronte febril de seu paciente, de levar desconhecidos a se saudarem, com um abraço, nas missas e cultos e de manter vivas a fraternidade e o companheirismo no trabalho.

As últimas aprontações de Dona Emoção foram as de haver despertado em Jonathan Prevette, com seis anos, loirinho, e em De'André Dearinge, de sete anos, a vontade incontida de beijarem, na bochecha, suas coleguinhas de classe da primeira série.

As eficientes "transmissoras de informações" (recuso-me a chamá-las de professoras) viram os gestos de ternura e horrorizadas refugiaram-se dentro do "livro grosso do regimento" da escola, em busca de socorro contra o que rotularam de "assédio sexual".

Como expressar e comunicar emoções não fazem parte do currículo, resolveram punir os meninos, não permitindo a um que participasse da distribuição de sorvetes, destinada somente aos "bons alunos" (!), e afastando o outro do estabelecimento de ensino, por cinco dias. Isso para que eles nunca esquecessem do princípio norteador da educação racional (da segunda onda): "Todos os estudantes devem guardar suas mãos, pés e objetos para si próprio", como literalmente expresso no regulamento escolar.

Jonathan e De'André praticaram,

aos seis e sete anos, seus últimos atos espontâneos e pessoais. De ora em diante, robotizados, aprenderam (a custa de quanto sofrimento!) que valores e emoções só atrapalham a vida. Nisso pensarão nas vezes que tiverem vontade de abraçar seus filhos, pais e amigos.

Há, no entanto, esperanças em favor da Senhora Emoção. Dos mesmos Estados Unidos, saem livros como o *Erro de Descartes* de Antônio Damásio, *Inteligências Múltiplas* de Howard Gardner e *Inteligência Emocional* de Daniel Goleman. Essas obras têm um conteúdo revolucionário capaz de mudar mundos e transformar pessoas.

Fatos como os acontecimentos com Jonathan e De'André são os estertores finais de uma educação "velha", de um cientificismo comatoso, cujo maior crime foi a desintegração íntima do Ser Humano.

Vou, por isso, lançar daqui uma campanha dirigida aos educadores verdadeiros, de qualidade, os que dedicam suas vidas a ajudar a florescer seres humanos felizes, competentes para o convívio, qualificados humanamente: enviemos toneladas de beijos e sorvetes "virtuais", do Brasil para os Estados Unidos por carta, fax, telefonema e "E mail", para que as crianças punidas possam divertir-se com seus amigos, se ainda lhes tiver restado algum. Aí, o que sobrar de beijos e sorvetes deve ser deixado derreter sobre o chão frio das cidades de Lexington e Nova York, torcendo para que o sentimento abraque o duro peito do Grande Irmão Americano.

■ Cosete Ramos é doutora em Educação pela Florida State University (EUA) e especialista em Gestão da Qualidade